

“TRAVESSIAS” COM ROGÉRIO HAESBAERT

HAESBAERT, R. 2020. *TRAVESSIAS*. RIO DE JANEIRO: CONSEQUÊNCIA

Charlei Aparecido da Silva¹

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Dourados, MS, Brasil

Enviado em 23 fev. 2021 | Aceito em 15 mar. 2022

Ler “Travessias” em um momento pandêmico é algo paradoxal, é o sair do lugar durante o isolamento social. A leitura de suas pouco mais de 220 páginas se deu durante minha estadia na casa de meus sogros em Ipeúna (SP), um local entre a Depressão Periférica Paulista e as Cuestas Areníticas Basálticas de São Paulo. O lugar onde o cozinhar, o caminhar e o descansar se misturam com outras coisas que dão prazer, isso inclui a leitura. Um lugar onde posso me dedicar a atividades que me dão prazer e me renovam – todos deveriam ter o direito e o privilégio de terem um lugar assim.

A cada palavra lida pude escutar a voz do autor, escrito em primeira pessoa o texto se torna ainda mais instigante e fluído, envolvente. A narrativa, as palavras tomavam a forma e a sonoridade de sua voz. Os lugares, as experiências e o conhecimento geográfico vão sendo revelados de forma sutil e simples, sem deixar de exigir do leitor em alguns momentos conhecimentos geográficos importantes para compreensão da narrativa.

A leitura assim se dá como um caminhar, uma caminhada ao lado do autor. Em alguns momentos a caminhada fica mais distante, há um distanciamento entre o leitor e o autor, isso em função do desconhecimento do leitor sobre os lugares. Durante a leitura caminhei por vezes ao lado do autor e por outras com mais dificuldade houve um distanciamento. De fato, a leitura nos leva a viver as experiências vividas e descritas no livro. Como uma Geografia construída na forma de crônicas, na qual a sensibilidade do olhar se mistura ao conhecimento acadêmico, as narrativas se demonstram uma excelente forma de olhar o mundo e as geografias que lhe dá forma.

1. Geógrafo. Doutor em Geografia. Docente e pesquisador da Universidade Federal da Grande Dourados. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5598-7848>. E-mail: charleisilva@ufgd.edu.br

Em Dubai, Bangkok, lago Inle e Mandalay, necessitei ficar atento, acompanhar os passos e me exigiu ficar ao lado do autor, isso para não me perder. O desconhecimento espacial dos lugares se revela para aqueles que não tiveram a oportunidade de viajar e conhecer os locais que dão base para as primeiras crônicas do livro. Independente do desconhecimento que o leitor possa ter não há como não se emocionar na forma como os lugares são descritos, como foram singulares e são singulares para o autor. É evidente como o conhecimento da Geografia e sobre a geografia permite olhar os lugares descritos para além do comum, permite conhecer os lugares não turísticos. A arquitetura, os costumes, o cotidiano, as experiências no aeroporto, as pessoas (e seus gestos) e o alimento ganham um significado geográfico, não por si só, mas pela compreensão de como os lugares são construídos por mosaicos que são sobrepostos pelo tempo e as ações humanas. São os mosaicos temporais e as pessoas que dão a geograficidade aos lugares.

Confesso, ri em alguns momentos, um riso solto e descompromissado – o livro dá ao leitor essa oportunidade por diversas vezes. Como não me identificar com a experiência relatada pelo autor em sua viagem na primeira classe? Uma vez, por erro da companhia, vindo do Uruguai, estive presente nesse lugar tão segregado e quase inóspito. Na ocasião tive que confirmar por mais de uma vez com a comissária de bordo se ali era mesmo o meu lugar. As toalhas molhadas, mornas, de um algodão macio e alvo é o elemento segregador.

A descrição do deserto, do Nilo e o dissecado planalto de Darfur é apaixonante – condição que se repete quando da bacia do Prata e das cordilheiras. Um olhar atento ao clima dos lugares se dá por diversas vezes, não há como não perceber isso ao ler as crônicas. Nesse momento o distanciamento acadêmico entre a Geografia Humana e a Geografia Física deixam de existir, de forma sutil evidencia-se a construção do olhar geográfico sobre os lugares onde a G(g)eografia é e deve ser vista nessa aproximação.

Ao tratar sobre a desconexão, sobre a dependência excessiva das tecnologias de informação e como isso afeta as pessoas, ao relatar o ocorrido em Cambridge, o texto me fez lembrar o motivo pelo qual comprei meu primeiro smartphone, um Galaxy Samsung que por teimosia e preguiça insisto em mantê-lo. Para em seguida me fazer recordar de como achei Paris negra, dominada pelos imigrantes, essencialmente na área que estive, o centro e o metrô. Me fez lembrar a importância dos fluxos migratórios vindos da África e como isso se reflete na organização socioespacial dessa cidade e no desenrolar do cotidiano.

Não pude acompanhar com precisão o caminhar do autor em Berlim, para além da grafia das palavras dos lugares me faltou a dimensão espacial de um universo que ainda me parece tão distante. Me identifiquei apenas com os grafitos, esses me remetem à universalidade dessa linguagem e ao modo como elas surgem em várias partes do mundo. Os grafitos revelam por si mesmo geografias, no livro isso é uma condição que inclusive marca alguns dos lugares e seus territórios. As fotografias assim não são meramente ilustrativas elas são um complemento, elementos para além de coadjuvantes da narrativa.

Quando o livro chegou não pude deixar de me apaixonar pelos grafitos da capa e contracapa. Vim a saber depois que alguns grafitos são da Colômbia, Medellín. Caberá ao leitor ler para identificar os grafitos, as fotografias, na narrativa, essa também é uma experiência importante do livro. Entre a paixão pelas imagens e onde elas estão no texto são exercícios que permitiram compreender os lugares e suas realidades.

Na “ilha de Saramago” o leitor poderá acompanhar o caminhar do autor, especialmente se conhecer algumas das obras desse escritor português. Como foi bom caminhar pela ilha. Tenho certo fascínio por ilhas, essa forma de território e, em alguns casos, seu isolamento. Na ilha, tendo a voz do narrador como cicerone, ri sozinho (mais uma vez), o riso foi surgindo naturalmente até se

transformar quase em uma gargalhada. E nem sempre é fácil aguentar o ritmo – somente lendo o livro para compreender o significado desses ritmos. A visita do autor me fez desejar por demais conhecer a coleção de cactos, quando visitá-los levarei a voz do autor comigo – que a pandemia passe e eu possa fazer isso com brevidade.

Sobre os EUA, Boston, me identifiquei, mas meu olhar foi apenas de observador passivo. Não estive por lá ainda, sequer em solo americano cheguei a pisar, minhas escolhas sempre me levaram para outros lugares, uma opção que se manifesta talvez como resistência e/ou por questões financeiras. Sei que terei que repensar isso, afinal tenho paixão pelo blues e o jazz (esse nos últimos anos) e deixar minha existência terrena sem conhecer New Orleans e o delta do Mississippi não está nos meus planos. Geógrafos têm lugares que sonham em conhecer, isso é um fato e o livro reforça essa tese.

Sobre os condimentos e as especiarias, nas viagens nem sempre é fácil lidar com elas, seja na Ásia ou na América Latina. As especiarias são as cores e ao mesmo tempo os imprevistos daqueles que cruzam o limiar que existe entre o lugar comumente pensado e o lugar real – os lugares têm cheiro e cor, os condimentos são essências disso.

Entre o calor do tempo e a poluição da cidade do México, seu traçado urbano e sua fluidez, pressenti a preocupação do autor sobre a complexidade que envolve compreender a organização do espaço mexicano. As crônicas nos convencem das verossimilhanças entre as cidades da América Latina e suas consequências sociais-econômicas-ambientais, uma geografia que aproxima os lugares.

Sobre a América do Sul e seus lugares o que mais me marcam são as formas de como as pessoas criam seus modos de organização e de resistência, condição que fica evidente no Peru, no Equador e, também, no Chile, este último frente ao momento histórico dos movimentos de 2018. Quando olho ao meu redor, aqui no Mato Grosso do Sul, vejo como isso é por demais importante. Mudar de Rio Claro (SP), para Dourados (MS) me desvelou um universo que desconhecia – me permitam relatar isso. Meu olhar sobre o significado e a condição indígena e ao mesmo tempo do agronegócio são outros, daí a importância de se conhecer os lugares.

Tenho que discordar do autor em alguns momentos, esse é um direito que o leitor terá ao ler o livro. O entendimento sobre clima é por demais aguçado e geográfico, mesmo que ele não reconheça isso. Um conhecimento que, infelizmente, está por desaparecer entre os jovens geógrafos em função do incessante desejo e insistência na verticalização precoce em áreas específicas da Geografia. Poucos são os geógrafos que relatariam o clima de Lima na forma como o autor (Rogério) o fez. Usarei sua voz, suas palavras, nas minhas aulas de climatologia, isso é uma certeza. Incentivarei os alunos a construir crônicas sobre o clima para assim aguçar a percepção sobre seus lugares e como olham, percebem, o clima e o tempo.

Quando da descrição chileno-mapuche, pude acompanhar de perto, sua voz se encontrou com a do professor Hugo Romero, amigo querido que me levou ao deserto chileno, o Atacama. O livro de alguma forma se revela como algo por demais íntimo, o leitor perceberá, sensações únicas surgirão, misturadas, a vida e as experiências do leitor e do autor se encontrarão. Essa é uma busca constante na construção do entendimento dos lugares e das geografias que constroem o livro.

As fotos da Cordilheira e a forma de como a paisagem foi descrita é um olhar aguçado, apaixonado por aquilo que compõe a Geografia. E, de fato, escolher as poltronas para fotografar paisagens deveria ser objeto, matéria obrigatória em nossos cursos de graduação. Da mesma forma que o domínio de novas tecnologias que permitem compreender as espacialidades dos lugares e suas características. Drones (um deles, no livro, presenteado aos mapuche) tem se transformado em

olhos auxiliares – por exemplo, esse equipamento tem em certa medida transformado meu olhar sobre a paisagem e proporcionado dimensões escalares que desconhecia até pouco tempo.

Quando da ebulição chilena sempre ficava preocupado com os amigos que lá estavam, o livro me faz crer que isso é mesmo importante. Os relatos dos dias vividos nessa efervescência, a voz do autor, suas palavras em alguns momentos estão carregadas de tensão e aflição – um contraponto com outras experiências. Sobre a estátua de Pedro Valdivia, espero que mantenham o pedestal como está e como relatado. A foto, quando comparada com a imagem que tenho, revela a sobreposição de tempos, de ações que não podem ser esquecidas, daí a importância, na minha opinião, de manter o pedestal como está, vazio. No olhar de alguns um nada, pouco estético, mas, de outros, o recordar da insurreição.

Na Argentina me apropriei do olhar do autor – fiz isso por demais – para depois trazê-lo para perto do meu. Sempre procurei compreender o lugar primeiro por meio da narrativa para depois buscar o olhar que tive sobre os lugares que também pude conhecer ou mesmo ler sobre eles. Como na Buenos Aires descrita – quase pude encontrar o autor e cumprimentá-lo na livraria Ateneo. Curiosamente, na Patagônia, em Ushuaia, tive de caminhar mais distante de sua voz, não conheço ainda o “fim do mundo” e, por isso, procurei me afastar de seu olhar para, no futuro, poder vislumbrar de forma original e singular. Assim como o delta do Mississipi, a Patagônia está entre os lugares pelos quais anseio ir – ainda mais depois de viver a/na pandemia.

De fato, o Uruguai é um caso à parte. Na imensidão do estuário do Prata a ideia de oceano ganha outro significado. Ao mesmo tempo, entre os arruados, as áreas e os casarios, a arquitetura escondida, Montevideu é um lugar bom para o autoexílio e a Feira de Tristán Narvaja é um lugar singular no mundo.

Curioso, a Teresina descrita no livro é muito diferente daquela do professor Carlos Augusto em Rua da Glória – aqui os tempos estão presentes novamente, uma condição que o livro aborda de forma sutil, mas com grande significado. A Teresina descrita é a mesma que a minha, somada ao olhar do colega Sait da UFPI que me recebeu por mais de uma vez por lá. Sobre o delta do Parnaíba, foi o único momento que andei mais rápido em toda essa T(t)ravessia. No delta ficava a repetir internamente coisas que vi e que queria dividir e somar à sua narrativa – estive no delta em três ocasiões. Essa cumplicidade entre leitor e autor se dá por diversas vezes no livro, há sempre um diálogo a ser feito. Importante, o leitor que ler esse texto, esta resenha, e mesmo o autor (Rogério); quando estiverem no delta não deixem de comer a torta de caranguejo, servida às margens do rio em uma área revitalizada – a experiência gastronômica é por demais sensorial, para quem gosta de caranguejo.

Não vi o autor em Ponta Negra e em Boa Viagem, foi frustrante, novamente os tempos não foram coincidentes. No decorrer da narrativa os tempos do leitor e do autor se cruzam em busca de uma temporalidade perdida e isso torna o livro uma experiência sensorial. Fiquei a pensar o quanto teria aprendido com sua companhia, ainda mais em Olinda (PE). Estive por lá quando do ENG, no final de minha graduação, creio que em 1996, minha última experiência como graduando, meu olhar sobre as pontes e o rio Capibaribe me marcam até hoje – só compreendi o que vi na ocasião anos depois na poética de Chico Science e Nação Zumbi. E sim, motoristas de taxis, agora também de Ubers, são olhos por demais curiosos sobre os lugares e quando é possível conversar com eles revelam olhares para além daquilo que estamos acostumados. Daí a importância de Taxi Teerã de Jafar Panahi, de sua linguagem e olhar universal sobre os sujeitos e os lugares.

Por outro lado, na viagem frustrada a Maringá, fiquei a pensar o que poderia acrescentar à narrativa, colaborar com o autor. Me veio imediatamente, a catedral da cidade, os parques e a comida

japonesa. É pouco, confesso, mas as duas vezes que estive lá fiquei confinado no hotel, trabalhando. Nem sempre é possível conhecer os lugares como desejamos.

O Rio, a cidade do Rio de Janeiro relatada é por demais desconhecida para mim. Estive no Rio por três vezes, mas nunca consegui me aprofundar, conhecer seus cantos e encantos. Meu olhar não geográfico é ingênuo e carregado de simbolismos midiáticos – infelizmente.

Chego ao ponto talvez mais íntimo, o território-corpo e a dimensão espacial que construímos a partir de um acidente, como o relatado pelo autor. Explico. Fraturei a perna por duas vezes. A primeira na graduação, fiquei dois anos acamado. A segunda vez em junho de 2018. Aqui minha voz se encontra com a do autor por diversas vezes e, de fato, quando estamos debilitados, o banho de chuveiro ganha outro significado – quem ler o livro compreenderá. Somo apenas algo que não está no livro, a gravidade. Nas duas vezes que me machuquei sempre percebi e vivenciei a importância da lei de Newton.

Ler o livro é assim uma experiência por demais gratificante, instigante e geográfica. É um apropriar-se do olhar do autor e sua vivência, uma oportunidade de sair da pandemia mesmo que seja por breves instantes.

Verão pandêmico, janeiro de 2021